

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 1 • 1983

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

Freguesia de Rio de Onor.
Estudo Biodemográfico.
I. Consanguinidade aparente

AUGUSTO ABADE

Instituto de Antropologia
Universidade de Coimbra

Resumo:

No presente trabalho é analisada a evolução do coeficiente de consanguinidade aparente da freguesia de Rio de Onor, ao longo de 120 anos. Os valores daquele coeficiente são os mais altos encontrados na população portuguesa, até ao momento. É também colocada em destaque a contribuição dos casamentos de 4.º grau para o referido coeficiente.

Palavras-chave:

Biodemografia. Consanguinidade. Guadramil. Rio de Onor.

Summary:

In the present study the evolution of the coefficient of apparent consanguinity in the parish of Rio de Onor is analysed for a period of 120 years. The values of that coefficient are the highest founded till the moment in the portuguese population. The contribution of fourth degree marriages for such coefficient is also remarqued.

Key words:

Biodemography. Inbreeding. Guadramil. Rio de Onor.

INTRODUÇÃO

A freguesia de Rio de Onor, de que fazem parte as aldeias de Rio de Onor e Guadramil, situa-se no extremo nordeste do distrito de Bragança. Tinha em 1980 cerca de 215 habitantes e 78 famílias.

As duas aldeias, particularmente Rio de Onor, possuíam uma forte organização social comunitária, já objecto de estudo etnográfico (DIAS, 1981), de que mantêm ainda alguns traços (BRITO, 1983).

A escolha desta freguesia para um estudo biodemográfico, de que o presente trabalho constitui uma primeira abordagem, resultou da confluência de vários factores, sendo de destacar três:

- 1) A situação geográfica e estrutura social da população que fazia antever uma consanguinidade elevada.
- 2) A existência de dois trabalhos etnográficos publicados sobre uma das aldeias (Rio de Onor), que poderiam constituir uma preciosa ajuda na interpretação dos resultados.
- 3) Nunca terem sido estudadas nenhuma aldeias transmontanas sob o ponto de vista biodemográfico.

MATERIAL E MÉTODOS

Para este trabalho utilizou-se o material obtido a partir do registo paroquial da freguesia de Rio de Onor.

Para o cálculo do coeficiente de consanguinidade aparente, seguiu-se a metodologia descrita por BRANDÃO (1980), agrupando o conjunto dos dados não apenas por quinquénios mas também por decénios, visto o número de casamentos se apresentar consideravelmente pequeno. Os coeficientes de consanguinidade, F , relativos aos diferentes tipos de casamentos consanguíneos encontrados na população foram determinados a partir das árvores genealógicas correspondentes, pelo método de WRIGHT (1922). Os traçados das árvores genealógicas estão esquematizados nas figuras 1a e 1b.

Na contagem dos graus de consanguinidade, usou-se a terminologia do Direito Canónico. Designa-se por C_3 o coe-

ficiente de consanguinidade aparente da população calculado com base nos casamentos consanguíneos até 3.^o grau inclusive e C4 até ao 4.^o grau inclusive.

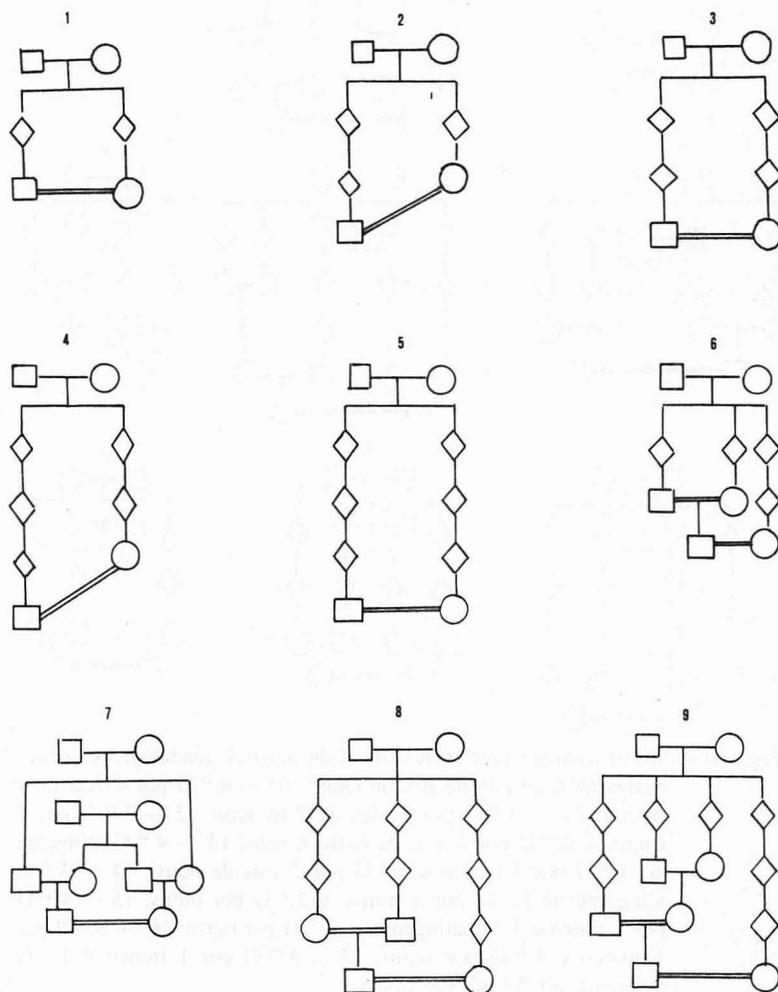


Fig. 1a — Representação gráfica dos tipos de árvores genealógicas encontradas na freguesia de Rio de Onor. 1 — 2.^o G por 1 tronco; 2 — 3.^o G atingente ao 2.^o G por 1 tronco; 3 — 3.^o G por 1 tronco; 4 — 4.^o G atingente ao 3.^o por 1 tronco; 5 — 4.^o G por 1 tronco; 6 — 3.^o G por 2 vias do mesmo tronco; 7 — 2.^o G por 2 troncos; 8 — 4.^o G por 2 vias de 1 tronco; 9 — 4.^o G por 3 vias de 1 tronco.

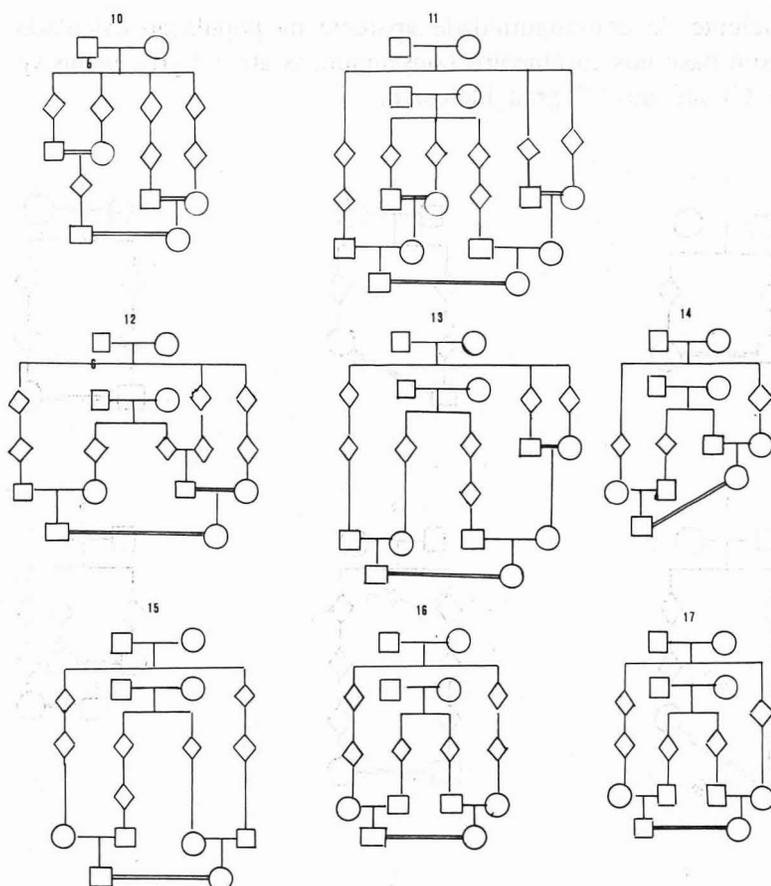


Fig. 1b — Representação gráfica dos tipos de árvores genealógicas encontradas na freguesia de Rio de Onor. 10 — 4.º G por 4 vias de 1 tronco; 11 — 4.º G por 2 vias de 2 troncos; 12 — 3.º G por 1 tronco e 4.º G por 2 vias de outro tronco; 13 — 4.º G atingente ao 3.º G por 1 tronco e 4.º G por 2 vias de outro; 14 — 3.º G atingente ao 2.º G por 1 tronco e 3.º G por outro; 15 — 4.º G por 1 tronco e 4.º G atingente ao 3.º G por outro; 16 — 3.º G por 1 tronco e 4.º G por outro; 17 — 3.º G por 1 tronco e 4.º G atingente ao 3.º G por outro.

RESULTADOS

Ao longo de 120 anos, o total de casamentos (não consanguíneos + consanguíneos) agrupados por decénios, sofreu algu-

mas alterações (Fig. 2), que podem ser consideradas significativas, face ao pequeno número daqueles, podendo dizer-se o mesmo em relação aos casamentos consanguíneos.

Agrupados por quinquênios (Fig. 3, Quadro 1) e decénios (Fig. 4, Quadro 2), verifica-se que a proporção de casamentos

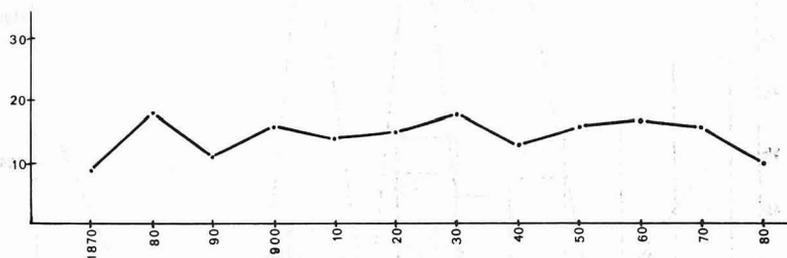


Fig. 2 — Evolução do número de casamentos

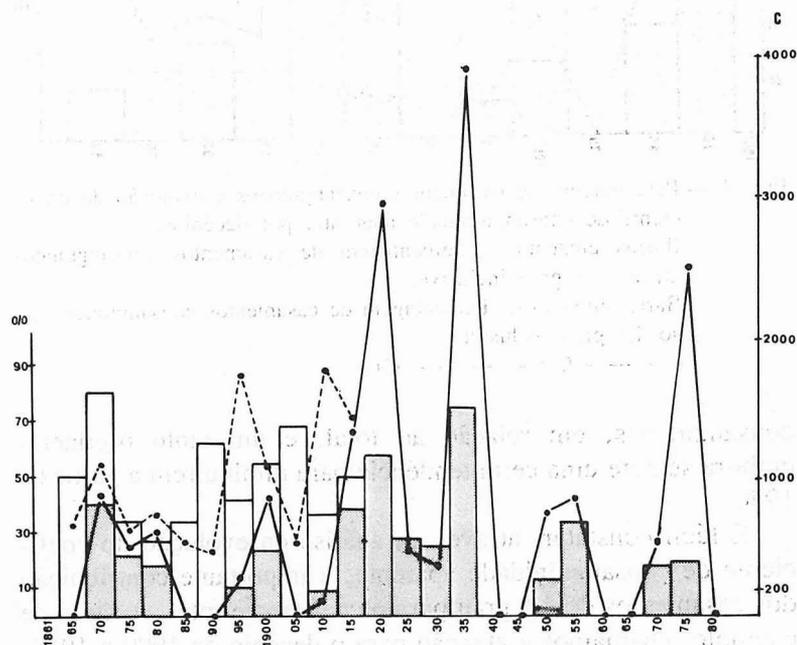


Fig. 3 — Percentagem de casamentos consanguíneos e evolução do coeficiente de consanguinidade aparente, por quinquênios.

Barra cinzenta — Percentagem de casamentos consanguíneos até ao 3.º grau inclusive.

Barra branca — Percentagem de casamentos consanguíneos até ao 4.º grau inclusive.

— C3; - - - - C4

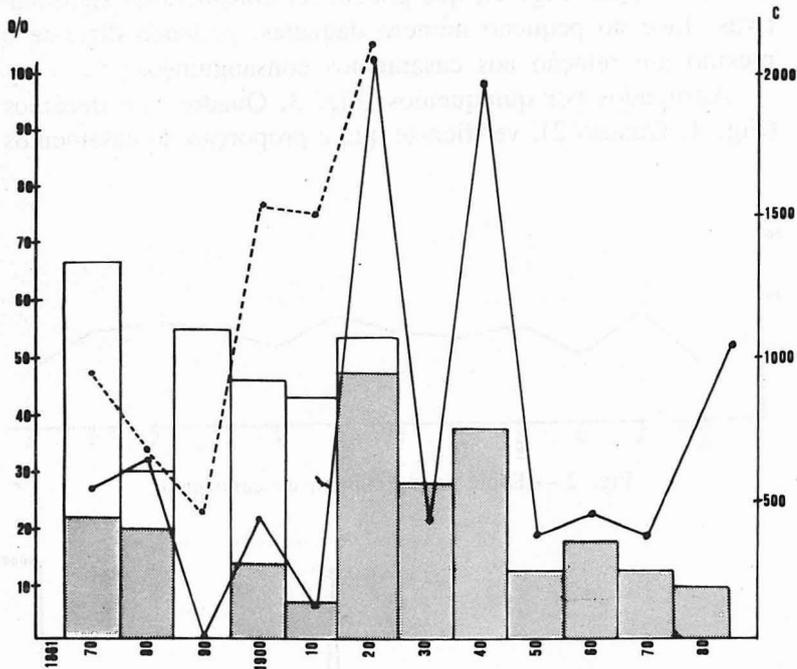


Fig. 4 — Percentagem de casamentos consanguíneos e evolução do coeficiente de consanguinidade aparente, por decénios.

Barras cinzentas — Percentagem de casamentos consanguíneos até ao 3.º grau inclusive.

Barras brancas — Percentagem de casamentos consanguíneos até ao 4.º grau inclusive.

— C₃; - - - - C₄

consanguíneos, em relação ao total, é um tanto oscilante, embora se note uma certa tendência para diminuírem a partir de 1940.

É fácil constatar, através da análise da evolução do coeficiente de consanguinidade aparente, a importante contribuição dos casamentos de 4.º grau para o coeficiente total. A título de exemplo, chamamos a atenção para o decénio de 1900 a 1910, no qual C₃ não atinge 250 ($C \times 10^5$), ao passo que C₄ ultrapassa os 1500 ($C \times 10^5$).

Perante estes resultados, se os casamentos de 4.º grau tivessem continuado a ser registados depois de 1918, é de supor que os valores de C seriam bastante superiores aos encontrados. Para além disto, é necessário ainda focar que não

QUADRO I — Número de casamentos e coeficientes de consanguinidade aparente agrupados por quinquênios

Períodos	Nt	Nc		Nc/Nt		C		Cx10 ⁵	
		3 ^o G	4 ^o G	3 ^o G	4 ^o G	3 ^o G	4 ^o G	3 ^o G	4 ^o G
1861-1865	4	-	2	-----	0,500	-----	0,00683600	-----	683,600
1866-1870	5	2	2	0,400	0,400	0,0093750	0,00117188	937,500	1171,88
1871-1875	9	2	1	0,222	0,111	0,0052083	0,00607640	520,830	607,640
1876-1880	11	2	1	0,112	0,091	0,0071023	0,00745740	710,230	745,740
1881-1885	3	-	1	-----	0,333	-----	0,00520830	-----	520,830
1886-1890	8	-	5	-----	0,625	-----	0,00439440	-----	439,440
1891-1895	19	3	6	0,159	0,317	0,0024671	0,01747410	246,710	1747,41
1896-1900	9	2	3	0,222	0,333	0,0086806	0,01085070	868,060	1085,07
1901-1905	3	-	2	-----	0,666	-----	0,00520670	-----	520,670
1906-1910	11	1	3	0,091	0,273	0,0014205	0,01775580	142,050	1775,58
1911-1915	8	3	1	0,375	0,125	0,0136718	0,01416020	1367,18	1416,02
1916-1920	7	4	-	0,571	-----	0,0290179	-----	2901,79	-----
1921-1925	14	4	-	0,286	-----	0,0044643	-----	446,430	-----
1926-1930	4	1	-	0,250	-----	0,0039063	-----	390,630	-----
1931-1935	4	3	-	0,750	-----	0,0390625	-----	3906,25	-----
1936-1940	4	-	-	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1941-1945	8	-	-	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1946-1950	8	1	-	0,125	-----	0,0078125	-----	781,250	-----
1951-1955	9	3	-	0,333	-----	0,0086806	-----	868,060	-----
1956-1960	8	-	-	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1961-1965	5	-	-	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1966-1970	11	2	-	0,182	-----	0,0056818	-----	568,180	-----
1971-1975	5	1	-	0,200	-----	0,0250000	-----	2500,00	-----
1976-1980	5	-	-	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Nt — Número de casamentos; Nc — Número de casamentos consanguíneos;
C — Coeficiente de consanguinidade aparente.

QUADRO II — Número de casamentos e coeficientes de consanguinidade aparente por decênios

Períodos	Nt	Nc		Nc/Nt		C		Cx10 ⁵	
		3 ^o G	4 ^o G	3 ^o G	4 ^o G	3 ^o G	4 ^o G	3 ^o G	4 ^o G
1861-1870	9	.2	4	0,2222	0,4444	0,0052083	0,0095486	520,83	954,860
1871-1880	20	4	2	0,20	0,1	0,00625	0,0068359	625	683,590
1881-1890	11	-	6	-----	0,5454	-----	0,0046161	-----	461,610
1891-1900	28	4	9	0,1428	1,1213	0,0044643	0,0153452	446,43	1534,52
1901-1910	14	1	5	0,0714	0,3570	0,0011161	0,0150668	111,61	1506,68
1911-1920	15	7	1	0,4667	0,0667	0,0208333	0,0210938	2083,3	2109,38
1921-1930	18	5	-	0,2778	-----	0,0043403	-----	434,03	-----
1931-1940	8	3	-	0,3750	-----	0,0195313	-----	1953,1	-----
1941-1950	16	1	-	0,0625	-----	0,0039063	-----	390,63	-----
1951-1960	17	5	-	0,2941	-----	0,0045956	-----	459,56	-----
1961-1970	16	2	-	0,1250	-----	0,0039063	-----	390,63	-----
1971-1980	10	1	-	0,1000	-----	0,0125000	-----	1250,0	-----

Nt — Número de casamentos; Nc — Número de casamentos consanguíneos;
C — Coeficiente de consanguinidade aparente.

foi feita qualquer correcção para a exogamia — retirando dos cálculos todos os casamentos em que ambos os cônjuges fossem exteriores à freguesia, o que teria como consequência aumentar ainda mais os valores do referido coeficiente.

DISCUSSÃO

Se sob o ponto de vista demográfico, a evolução do quantitativo populacional da freguesia de Rio de Onor, não difere muito das outras freguesias transmontanas (ABADE & CARVALHO, 1984), no que concerne à consanguinidade aparente da população, são dignas de relevo algumas considerações.

Os valores encontrados para o coeficiente de consanguinidade aparente são, em alguns períodos, os mais altos para as populações portuguesas estudadas até ao momento (BICKER, 1982; BRANDÃO, 1980; CRUZ, 1973; GAMA, 1983, entre outros).

AREIA (1981), justifica os altos valores de C encontrados em comunidades rurais portuguesas, através de factores sócio-económicos, como sejam a família extensa e a instituição do Morgadio, sendo estas justificações válidas pelo menos até ao fim do século passado, pois no actual, e ainda segundo o mesmo autor, as variações na consanguinidade estão mais directamente ligadas à migração, sendo os outros factores secundários.

Na freguesia de Rio de Onor, são os dois primeiros factores acima referidos (família extensa e instituição do Morgadio), aliados a outras particularidades da estrutura social dos seus habitantes (DIAS, 1981), que melhor podem explicar os valores dos coeficientes de consanguinidade aparente, encontrados, pelo menos até ao início do século. A partir desta altura, junta-se o factor migração, não deixando os outros dois, no entanto, de também contribuírem para C até à primeira metade deste século. Só a partir dos anos 50, quanto a nós, a migração, por si só, pode explicar os valores obtidos para o coeficiente de consanguinidade aparente.

Convém realçar que, devido ao pequeno número de casamentos realizados na freguesia de Rio de Onor, por vezes um valor alto de C deve-se, apenas, a um casamento consanguíneo, como sucedeu no quinquénio 1971-1975. Contudo, este facto, puramente estatístico, não anula as razões apontadas na parágrafo anterior.

AGRADECIMENTOS

Ao pároco de Rio de Onor, que nos facultou os registos paroquiais da freguesia.

À conservadora do registo civil de Bragança.

Ao Dr. Belarmino Afonso e a Ana Carvalho pela colaboração prestada.

BIBLIOGRAFIA

- ABADE, A., & CARVALHO, A. — *Freguesia de Rio de Onor. Estudo Bio-demográfico. II. Exogamia/Endogamia e evolução da idade no casamento*. «Revista Brigantia». (Para publicação).
- AREIA, M. L. R. — *Aspects socio-culturels de l'étude de la consanguinité dans la communauté rurales du Portugal*. Comunicação ao XV Colóquio de Antropólogos de Língua Francesa, Bruxelas, 1981.
- BICKER, J. — *Consanguinidade aparente da população de Folgoso*. Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1982 (Não publicado).
- BRANDÃO, C. — *Consanguinidade aparente da população do Concelho de Espinho*. «Trabalhos do Instituto de Antropologia, Faculdade de Ciências do Porto», 38, 1980, p. 3-20.
- BRITO, J. P. — *La maison et le cadre villageois de sa reproduction*. Comunicação apresentada no seminário: «Social reproduction: population, family and property», Instituto Gulbenkian de Ciência, Oeiras, 1983.
- CRUZ, J. A. M. — *Consanguinidade aparente da população de Vilarinho da Furna*. «Trabalhos do Instituto de Antropologia, Faculdade de Ciências do Porto», 16, 1973, p. 1-10.
- DIAS, J. — *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril*. 2.^a edição, Lisboa, Editorial Presença, 1981.
- GAMA, P. — *Consanguinidade aparente em S. Vicente da Beira*. Antropologia Portuguesa, 1, 1983, p. 5-32.
- WRIGHT, S. — *Coefficients of inbreeding and relationship*. «American Naturalist», 56, 1922, p. 330-338.